

VENÂNCIO FILHO, FERNANDO DE AZEVEDO E EUCLIDES DA CUNHA*

*Fernando Segismundo ESTEVES***

RESUMO: A partir do exame das profundas relações de amizade desenvolvidas entre ambos, o artigo analisa a importante influência de Francisco Venâncio Filho sobre o pensamento e a ação de Fernando de Azevedo. Descreve, ainda, a exaustiva dedicação de Francisco Venâncio Filho à causa da divulgação e da exaltação da vida e da produção literária de Euclides da Cunha.

PALAVRAS-CHAVE: cooperação; reforma educacional; cultura brasileira; literatura nacional.

Para bem se compreender Francisco Venâncio Filho é preciso confrontá-lo com educadores do seu tempo, sobretudo Fernando de Azevedo, amigos e colaboradores que foram, ambos vindos ao mundo em 1894, há cem anos portanto.

Azevedo nasceu em Minas Gerais; Venâncio no Estado do Rio. Um concentrou sua vida em São Paulo; outro no antigo Distrito Federal, onde Azevedo passou algum tempo, celebrizando-se como educador.

Não impediu a distância que se tornassem amigos e cooperantes. Venâncio viveu menos, deixando-nos com apenas 52 anos, Azevedo morreu um quarto de século depois, aos 80 anos.

* Trabalho apresentado na "Semana Fernando de Azevedo", organizada pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, de 12 a 15 de abril de 1994.

** Jornalista, vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

Exercendo expressivos cargos públicos, na área da educação, Azevedo sobressaiu-se mais do que Venâncio. Explica-o seu temperamento, não porque do outro se distanciasse por méritos superiores. De natureza procelosa, Azevedo prazia-se nos desafios, raiava o messianismo, crescendo na luta aberta e até na adversidade.

Calmo era o feitio de Venâncio, prudente a atuação e afetuosa os sentimentos. Não tinha gosto pelos encargos administrativos. Pode afirmar-se, e é possível que ora suceda pela primeira vez, que, sem o seu concurso, vigilância e crítica, de esmaecido relevo teriam sido as vitórias, o renome e o valor final de Azevedo.

Assim se diz não para elevá-los ou diminuí-los, antes com o intuito de melhor abrangê-los e situá-los no panteão educativo. Não se rebaixarão os triunfos de Azevedo, – múltiplos e notáveis; fundamental, todavia, é que, mostrando-os, não continue em segundo plano talvez o maior de seus assessores, o qual, por índole, teimou em ficar de lado e não à frente, como lhe cabia.

Nascidos no mesmo ano, atuantes em igual terreno desde a juventude, amigos e colaboradores ao longo da existência, enfrentaram dificuldades e colheram vitórias, menos para eles que em favor do ensino e do povo. Azevedo explicou-se a si mesmo pelo gosto das iniciativas e da exibição permanente, dir-se-ia: pela atração do combate, amoldado à tormenta.

A Venâncio é preciso surpreender na ação discreta, no auxílio recatado, na multiplicação de esforços encobertos, o mais das vezes desconhecidos. Jamais Azevedo ocultou o relevo dessa colaboração; foi Venâncio quem o manteve penumbroso.

Tudo veio à luz consagradora após a publicação das cartas dirigidas a Venâncio por Azevedo durante duas décadas de estreita convivência, – desde 1925 (ambos com 31 anos de idade e já envolvidos nos mesmos ideais: educação e ensino) até 1946, quando da morte de Venâncio.

Revela a correspondência um Fernando de Azevedo flagelado pela obra a que se devotara, pelos dissabores dos cargos, ascensos e quedas, desânimos, dúvidas, amarguras, doenças e desesperanças que o aproximaram do extremo sacrifício.

Patenteia-se o contraponto do drama não chegado ao público, a exposição crua, reiterados e aflitos apelos a Venâncio, a expectativa das soluções benfazejas de suas diligências.

Queixava-se Azevedo das vindictas desencadeadas pelos interesses feridos, pelas ambições imensuráveis, pela falta de fraternidade e ausência de patriotismo.

De fogo são as suas apreciações sobre a politicagem da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; outras iguais não conheço em acerto e veemência contra os baixíssimos costumes dos que só cuidam de conveniências subalternas, em prejuízo dos interesses populares.

Procurando conciliar os protestos, as críticas e até as investidas de Azevedo, que o molestavam e indispunham com as autoridades constituídas, esteve presente com invariável serenidade e eficácia Venâncio, – cirineu, guardião, escudo, Francisco de Assis da Amizade.

Justíssima a junção desses amigos e educadores na homenagem prestada pela Escola de Educação da Universidade de São Paulo. Sem Venâncio não luziria tanto a estrela de Azevedo; ele completa, singulariza o outro.

De Venâncio Filho, como docente e imantador de almas, tenho-me ocupado por imperativo moral. Julgo estar a contribuir para o retrato de uma figura ímpar e a construção de um monumento fabuloso. Evocações do trabalho pedagógico por ele desenvolvido na antiga Escola Normal, no Colégio Pedro II e no Colégio Bennett do Rio de Janeiro.

De 1926 a 1937 Venâncio fez das turmas que lhe destinaram no antigo ginásio-padrão seu campo experimental. A todas entregou-se por inteiro, alcançando de muito a aprendizagem da Física.

Ao seu lado, como superiores hierárquicos, lecionavam Henrique de Toledo Dodsworth e George Sumner. Quem seduzia, pela capacidade de expor e praticar a matéria, era Venâncio Filho, – de todos o de saúde mais frágil; entretanto o mais expedito e entusiasta.

Muitos, em diferentes circunstâncias, tem-no louvado, – favorecidos de seu magistério, de sua participação e cordialidade. Lembrem-se os pronunciamentos de Fernando de Azevedo, dias após a morte do companheiro; de Roquete Pinto, mestre e ulterior beneficiado pelo discípulo; de Paulo Carneiro, ex-aluno e admirador caloroso; de Paschoal Lemme, par de Azevedo e Venâncio, biógrafo admirável deste e antigo membro da Associação Brasileira de Educação.

Para não estender a lista dos que tanto o veneram, fixemo-nos em Alberto Venâncio Filho, que dele recebeu seiva e espírito, fidalgo da estirpe do progenitor e de sua ilustre mãe, a professora Dina Venâncio Filho, antiga reitora do Colégio Bennett.

Sabida de uns, necessário se faz o conhecimento generalizado da biobibliografia de Venâncio, que ninguém a produziu melhor que seu filho, o professor, advogado e acadêmico Alberto Venâncio Filho, modelo a seguir-se na glorificação do cientista e mestre do civismo que foi o fundador da ABE.

Nascido em Campos (1894), Venâncio concluiu os estudos humanísticos no famoso Colégio Aquino do Rio de Janeiro. Antecedera-o ali Euclides da Cunha, à exaltação de cuja obra tanto iria aplicar-se. Teve Egar Roquete Pinto como professor e a Fernando Antônio Raja Gabaglia como colega, ambos amigos e baluartes da mesma causa.

Ingressou na Escola Politécnica do Largo São Francisco, formando-se engenheiro civil. Aos 22 anos iniciou a carreira magistral, que só a morte encerraria. Lecionou as disciplinas de Física e História da Educação com proficiência, a despeito da saúde precária.

Consagrou-se a popularizar Euclides da Cunha, reunindo documentos, integrando um grêmio afamado, proferindo palestras, redigindo livros, promovendo romarias. Sem a devoção de Venâncio, menos rutilante seria a glória de Euclides.

Estendeu sua atividade à educação popular, alicerçado na filosofia, na ciência e na técnica da Escola Nova, – divisor de águas, a partir dos anos 20, entre conservadores e revolucionários, deístas e ateus, o ensino pago e o ensino gratuito, o livre e o obrigatório, o particular e o público, enfim entre o caduco e o promissor.

De tal inclinação resultou a benemérita ABE, sonhada em 1924 por Heitor Lira da Silva, Francisco Venâncio Filho, Everardo Backeuser, Edgar Sússekind de Mendonça e uns poucos mais de idealistas.

Ao magistério, ao culto euclidiano, à escola ativa, à Casa de Heitor Lira e aos amigos tributou Venâncio todo o poder de sua inteligência, cultura, nacionalismo e filantropia.

Influente e respeitado, amalgamou amigos, bateu-se por idéias, é personagem e símbolo, criador e modificador da realidade. A estatura moral excedeu muitíssimo a configuração corpórea. Venâncio é uma de nossas poucas personalidades deveras significativas.

Revejo-o altruísta, desligado de si próprio, na liturgia de Euclides e de quantos dele se aproximaram. Dinamizador da educação, do ensino e da cultura; íntegro, puro, extremoso.

Já o assinalou seu fiel biógrafo, Aberto Venâncio Filho (Um educador brasileiro, 1984): Venâncio acompanhou a série de reformas do ensino ocorridas no antigo Distrito Federal, a partir de seu ingresso no magistério; acompanhou e nalgumas interveio, ajudando a comprová-las no uso. Do seu tempo são as reformas de Carneiro Leão, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Francisco Campos e Gustavo Capanema.

Viveu-as na Escola Normal, depois Instituto de Educação; como Superintendente do Ensino Técnico e diretor daquele seminário de professores; em salas de aula e nos escritórios de administração; defendendo-as ou censurando-as na imprensa; propagando-as em reuniões da ABE, seu diretor várias vezes; e sofrendo-as quando de sua interrupção violenta à sanha do revanchismo político.

Em frentes várias operava, dilatando o tempo e as energias. Desempenhou a função de Assistente da Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Saúde e foi professor da Universidade do Distrito Federal, – a inesquecível UDF, sacrificada ao furor reacionário.

Quanto à sua participação na ABE, ora também a rememorá-lo com zelo, acaso nada mais se possa acrescentar ao que já é conhecido. Nela sobressaiu como estimulador permanente, potência inesgotável. Foi de seus mais sólidos fundamentos, e o cisma que a atingiu não o suscitou ele. Antes esforçou-se para que não se partisse, continuando a cumprir suas finalidades democráticas.

Acima de tudo era sentimental, concorde, aglutinador. Recordamos algumas de suas ações na ABE: cursos de férias para professores, aulas pelo rádio, conferências nacionais de educação, apoio ao Ministério da Educação em atos positivos, debates em torno do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, achegas ao capítulo da educação e cultura na constituição de 1934 etc.

Imposto o Estado Novo (1937), seguiram-se a desordem no campo educativo, a prisão e demissão de professores, o exílio voluntário de uns e o ostracismo de outros. Calaram-se as vozes de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Sobre a ABE desceu a sombra do despeito, do oportunismo e do retrocesso.

A luz ressurgiria em 1945. Venâncio e outros líderes acalentaram a sociedade com a Carta Brasileira de Educação Democrática gerada na ABE. Reafirmava-se a causa dos vanguardeiros.

Em termos biobibliográficos há de referir-se ainda alguns feitos de Venâncio, demonstrantes de sua competência e versatilidade. Secundando Roquete Pinto e

Henrique Morize colaborou nas transmissões radiofônicas que assinalaram o centenário da Independência. Daí, eles e Edgar Sússekind de Mendonça, Dulcídio Pereira e Heloisa Alberto Torres partiram para a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a PRA-2, que tantos e notáveis serviços prestou à educação e à cultura.

Quando Roquete Pinto doou a emissora ao Governo Federal, Venâncio transferiu sua atividade no gênero para o recém-criado Serviço de Radiodifusão Educativa, de encantada memória. Ao prédio da Praça da República 141-A, onde Roquete prosseguiu a disseminar conhecimentos à luz da ética – princípio tão desrespeitado hoje –, Venâncio lá estava a coadjuvar seu antigo mestre, e depois a orientar o novo responsável pelo órgão, o técnico de educação Fernando Tude de Souza, membro da ABE.

As lições propiciadas ao microfone por Venâncio resultavam da sensibilidade, diria da paixão que imprimiu sempre aos seus deveres. Tanto ele como Roquete tinham a emissora como filha e aí de quem não a tratasse com os cuidados requeridos!

Para o estudo e a análise do moderno veículo de comunicação (o rádio) e de outros de igual poder educativo – o cinema, os museus – redigiu o livro Educação e seu aparelhamento moderno (CEN, 1941). Antes (1930), versando com exclusividade o cinema e sua serventia no processo educativo, escrevera, em colaboração com Jônatas Serrano, obra ainda hoje valiosa, decorridos 60 anos. Dela trataremos adiante.

Visando ao aceleração da instrução elementar, de que se vêm ressentindo sucessivas gerações, Venâncio produziu, há mais de meio século, a monografia Divulgação do ensino primário no Brasil (1937), galardoada com o Prêmio Francisco Alves da Academia Brasileira de Letras.

Vasta e diferenciada é sua colaboração na imprensa (boletins, jornais, revistas, anuários da Capital da República e dos Estados), a cujo inventário procedeu Alberto Venâncio Filho. Sua divulgação em volumes muito mais

demonstraria a importância do eminente educador. Por excederem ao propósito desta explanação, deixamos de parte suas teses de concurso e os compêndios de ciências físicas e naturais.

Ressaltar-se-á que os trabalhos elaborados por Venâncio mereceram publicação nos veículos mais notórios da época: Jornal do Comércio, Diário de Notícias, Boletim de Ariel, Revista do Brasil, O Imparcial, A Educação (ABE), Revista Brasileira (ABL), Anuário do Colégio Pedro II e muitos outros. Cento e oitenta artigos rastreados por Alberto.

Em 1930 saiu dos pelos o livro Cinema e Educação, de autoria de Jônatas Serrano e Francisco Venâncio Filho, confrades na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Publicou-o a Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho para a Cia. Melhoramentos, de S. Paulo. Na ocasião mais duas editoras lançavam ao mercado valiosas coleções pedagógicas, em tradução ou produzidas aqui mesmo. Uma sediava-se em São Paulo. Sua sigla – CEN – atestava qualidade. A outra, radicada no Rio Grande do Sul, pertencia à Livraria do Globo.

Precursores, Serrano e Venâncio deram à estampa pequena obra-prima, bastante lida pelos anos fora e aprovada em salas de aula. Ao publicar, em 1913, o Epítome de história universal, Serrano sublinhava a influência do "cinema educador", como então se chamava: "o curso ideal fora uma série de projeções bem coordenadas", isto é: sumária dissertação e numerosas gravuras animadas.

Adeptos do novo meio de comunicação, deve-se a esses professores a I Exposição de Cinematografia Educativa (1929), realizada na Capital da República, em apoio à Reforma de Azevedo. Até ali não se generalizara a aplicação do cinema à aprendizagem das disciplinas curriculares, exceto na Itália, França, Alemanha, Rússia e nos Estados Unidos. Respondiam, então, as projeções com aparência de vida e oriundas do século precedente, pelos abstrusos nomes de fenaquisticópio, zootrópio e praxinoscópio...

Certo, ao influxo dos dois amigos e de motu-próprio, Fernando de Azevedo fez introduzir o cinema educativo em sua Reforma. Seria aplicado nas escolas de

ensino primário, normal, doméstico e profissional, com ênfase na aprendizagem da geografia, da história e das artes. "Que facilite a ação do mestre sem substituí-lo" – recomendava.

Recém-criada, a Comissão de Cinema Educativo, tendo Serrano à frente, como Sub-Diretor Técnico de Instrução Pública, iniciou suas atividades com a Exposição de Aparelhos e Projeção Fixa e Animada (1927).

"Era preciso – advertem Serrano e Venâncio – mostrar o erro dos que supõem ser bastante o emprego de diapositivos, ou o emprego de episcópios e epidiascópios, em todos os casos". Observação congruente: Ferrière, vindo em 1930 à América Latina, exibiria entre nós filmes sobre a aplicação dos métodos mais modernos da Escola Nova.

Por último, em 1936, Roquete Pinto obteve do Ministro Gustavo Capanema a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), para o qual Venâncio, antigo colaborador do Serviço de Radiodifusão Educativa, passou a escrever roteiros e a incentivar o funcionalismo especializado.

O INCE estava sediado no prédio do SRE, obedientes ambos à perícia de Roquete Pinto. Afastando-se, por motivo de saúde, Roquete entregou a direção do Instituto a Pedro Gouveia Filho, ajudado por Paschoal Lemme e Moisés Xavier de Araújo, técnicos de educação federais, amigos de Azevedo e Venâncio. Pode afirmar-se que a superintendência do Cinema e do Rádio educativos competia a um colegiado fraternalíssimo; donde haverem cumprido suas finalidades com êxito pleno.

Em 1932 o meio educativo e a intelectualidade em geral tomaram conhecimento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, subscrito por distinguidos membros do magistério, a principiar por Fernando de Azevedo, representando o Estado de São Paulo, e a terminar por Paschoal Lemme, do Rio de Janeiro, – único sobrevivente do grupo de 26.

A redação final, sabe-se, é de autoria de Azevedo. Entretanto, muitos ignoram o trabalho de outros, que leram os vários esboços, contribuíram com

sugestões, criticaram doutrinas, catequisaram educadores e obtiveram-lhes a concordância, permitindo ao principal autor a reelaboração do Manifesto.

Nenhum dos que cresceram a tarefa do redator sobrepuja a Francisco Venâncio Filho. Confessou-o em vida o próprio Azevedo e deixou-o consignado, de maneira inequívoca, em sua correspondência. Sem o incentivo de Venâncio – verdadeira mola a atuar junto à confraria –, e o acréscimo de seu tributo pessoal, diverso teria sido o célebre Manifesto.

Já foi ele analisado sob todos os aspectos ao longo das seis décadas de existência, merecendo destaque o estudo aprofundado que lhe dedicou o acadêmico Alberto Venâncio Filho ao ingressar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Dispensa, portanto, comentários de nossa parte, salvo uma que outra observação de passagem.

O ressaltado desses pontos visa à percepção de seu papel no evoluir da educação pátria. A primeira e enfática afirmação dispõe que, "a hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação".

Correta e taxativa a sentença de que as reformas educacionais devem entrelaçar-se com as reformas econômicas. De caráter ufanista é a afirmação de que gerou-se no Brasil "o movimento de reconstrução educacional".

Crítica veemente: "A educação nova não pode deixar de ser uma reação categórica, intencional e sistemática contra a velha estrutura do serviço educacional, artificial e verbalista, montado para uma concepção vencida".

Máxima que de pronto irritou os círculos conservadores, acimados de extremistas os signatários do Manifesto: contra a escola tradicional, de concepção burguesa e carregada de "individualismo libertário", há de opor-se a escola socializada, com base na atividade e na produção.

Assertiva que também fez estremecer a roda conservantista: o processo educativo é função política, isto é: compete ao Estado. Dai preconizar-se a escola

comum ou única para todos, contra os privilégios econômicos. Não podem os educandários ser utilizados como instrumentos de propaganda de seitas e doutrinas.

Fundamentos da escola nova são a laicidade, a gratuidade, a obrigatoriedade e a co-educação. Assenta o método educativo na atividade funcional, nos trabalhos manuais, no interesse (fator psicológico) e em princípios científicos.

Nítido na essência do Manifesto é o pensamento de Alberto Torres, por alguns havido como doutrinador autoritário. Quanto a Fernando de Azevedo, a coincidência de posição política é mais do que evidente pelo comportamento em si e através da apreciação de seus admiradores próximos.

Espantoso é o rol dos autores de que se valeram os manifestantes na elaboração do extenso programa: G. Davy, Lamartine, Paul Bureau, Coulter, Bouglé, Gustave Belot, – políticos, literatos, sociólogos, ausentes os mais ilustres educadores contemporâneos, estrangeiros e nacionais, de leitura indispensável. Nem Azevedo, nem os que lhe deram achegas, e discutiram o documento e acabaram por aceitá-lo, se referiram às maiores autoridades na matéria, – europeus, norte-americanos e uns poucos ibero-americanos.

Irrelevante é a omissão agora. A filosofia ou ideologia do Manifesto diluiu-se, parte nas reformas desencadeadas pelo movimento de 30, parte refugada, – combatidos, escorraçados seus responsáveis do meio educativo e até do social.

O que não pode nem deve apagar-se da lembrança é o inestimável subsídio de Venâncio ao preparo e à aplicação do Manifesto. Divide ele com Azevedo os êxitos e as perdas do histórico preceito.

Não há exagero na exaltação dos méritos de Francisco Venâncio Filho; antes, acaso, incapacidade de revelá-los em sua plenitude, tal o número de depoimentos deixados por quantos lidaram com ele.

Desses, Roquete Pinto, Fernando de Azevedo e Paschoal Lemme bastariam para demonstrá-lo. Paschoal observou-lhe "curiosidade insaciável", apontando-o como "aglutinador de vontades, as mais díspares, em vista da realização e objetivos comuns" (Memórias, II tomo).

Na Academia Brasileira de Letras, poucos dias após o falecimento de Venâncio, dizia Roquete Pinto: "Assim o encontramos à frente de todos os grandes surtos educacionais deste País, nos últimos 30 anos. O que ele realizou, e o que deixou escrito, dá-lhe um posto excepcional na galeria dos nossos maiores mestres".

Sobre a morte de Venâncio, escreveu Azevedo um artigo n' O Jornal, do Rio de Janeiro (12/X/1946), depois transcrito no livro Batalha do Humanismo, de 1952. O que de melhor se possa afirmar de um ser humano, ali se encontra. Transcrevemos algumas proposições: "altiva nobreza de sentimentos e constância singular de aspirações. Ele tinha o gosto das viagens, o culto da amizade e um amor ardente pela educação. Eram essas três paixões a força e a razão de sua própria vida".

Para ele, a ação "era uma festa do espírito. Ação pertinaz, refletida, serena, firme". "Tinha o equilíbrio e a indulgência de um sábio", e "o instinto de solidariedade e de cooperação. "Educador brasileiro dos mais eminentes". A obra educativa que Venâncio ajudou a edificar "viverá certamente; ela o fará viver na memória dos homens". "Venâncio se habituara a dar tudo sem nada pedir".

Voltamos a afirmar que, sem o concurso de Venâncio, de outra dimensão teria sido a obra de Fernando de Azevedo e, até – ousamos dizer – , outro fora o rumo de sua vida. Até 1927, Azevedo havia exercido o jornalismo no Correio Paulistano e n' O Estado de São Paulo com resultados normais. Buscou a crítica literária e praticou-a sem maior ressonância. E era um professor igual a muitos outros.

Sua vinda para o Distrito Federal, a fim de dirigir a instrução pública (1927/1930), resultou do prestígio da família Mesquita, proprietária daquela folha, e

da amizade que lhe dispensava o Presidente Washington Luís, extensiva a Azevedo, redator incumbido de avaliar a conjuntura educacional na província bandeirante.

Azevedo desfrutava de lastro cultural e ambicionava projetar-se, mas era estranho no Rio de Janeiro e, a partir da nomeação pelo Prefeito Prado Júnior e ao longo da sua administração, portou-se com excessiva altivez, senão arrogância. Quis desfazer em pouco tempo o que os anos haviam concretizado.

Tendo de abandonar o cargo com a vitória de Getúlio Vargas, voltou para São Paulo e, daí, acompanhava, ansioso, as vicissitudes de outros dois grandes educadores, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, aos quais incentivava, por meio de amigos comuns ou diretamente. A causa era de todos eles, admitia.

A Venâncio, com quem, assíduo, se correspondia, afiançava que do êxito definitivo de Anísio dependia, em grande parte, a vitória, no Rio e talvez no Brasil, "de nossos ideais de educação". Projetava, então, uma "ofensiva para a renovação da obra educacional; ofensiva contra a literatura tradicional, viciada, antiquada e mal apresentada, que é um dos maiores redutos de resistência da educação tradicional".

Na mesma ocasião, alude às suas "inquietações interiores", aos efeitos das suas "grandes tristezas íntimas", suas "amarguras". Pensa em dar aos desgostos uma "solução extrema". Fala a Venâncio "no tom confidencial" com que já se tem "desabafado tantas vezes" (carta de 1931).

Muitos desses males não de atribuir-se ao desvio abrupto de sua vida. Conhecida era a atração pelo poder que ele não lograva disfarçar, a despeito da obra a que se lançara chocar-se de frente com o mando estabelecido. Antonio Cândido de Mello e Souza, discípulo e admirador, supõe que Azevedo é todo contraditório. E Maria Luiza Penna denota-lhe a personalidade estranhamente dividida (Fernando Azevedo: educação e transformação, 1987).

Em 1934 Azevedo escreve a Venâncio: "Tenho como um dos maiores bens da minha vida tê-lo conhecido e haver logrado despertar uma amizade, de que tanto se beneficiam e tão justamente se podem orgulhar os que a mereceram".

No ano seguinte, agradece a Venâncio a solicitude de sua amizade nos momentos em que tem de tomar "qualquer decisão importante". Quando se lhe pede uma opinião – acrescenta –, Venâncio concentra-se para refletir. "Reflete para ser realmente útil. Seu voto é freqüentemente o peso que, nos momentos graves, se deita na balança e nos faz decidir, quando ainda hesitamos".

Doente e fatigado, desvanecidas as esperanças de cooperar na renovação educativa em São Paulo, chega-lhe o convite do Ministro Francisco Campos (1935) para dirigir, no Rio, o Departamento Nacional de Educação e ocupar uma cátedra na Universidade do Distrito Federal (UDF), recém-instituída. Em face da situação e incerto quanto aos propósitos de Campos, Azevedo vacila e pede o parecer de Venâncio.

Imagina que Francisco Campos quer convidar um técnico "para ficar à disposição de uma (qual?) política de educação". Ora, ele foi sempre menos um técnico do que um político de educação. Só deliberará após consultar amigos, dos quais Venâncio é o preferido.

Em 1938 comunica-lhe sua demissão do cargo de diretor do **Instituto de Educação** da Universidade de São Paulo. Completara-se "a mais acabada obra de perfídia e de má fé, de ignorância e de brutalidade, de estupidez e traição, que já se tentou em São Paulo".

Nesse mesmo ano acode-lhe de novo a idéia do suicídio. Expõe as razões a Venâncio e pede-lhe que mostre a carta, com tal propósito, a dois de seus amigos: Frota Pessoa e Teixeira de Freitas. No primeiro dia de janeiro de 1940, ao retornar do Rio, escreve de São Paulo confortado pelos amigos. "Nenhum, porém – acentua –, mais constante na sua dedicação nem mais na intimidade de minhas alegrias e amarguras do que você".

O ápice dessa amizade, que tantas vantagens proporcionou a Azevedo, ocorre entre 1940 e 1941. Ao elaborar A Cultura Brasileira, por determinação de Getúlio Vargas, do qual se aproximara por artes de Alzira, filha do ditador, Azevedo pede o auxílio de Venâncio. Que lhe obtenha livros, consiga informações diversas, até sobre escolas de medicina, engenharia e direito. Quer nomes e realizações notáveis nessas especialidades.

A carta de 28 de janeiro de 1941 diz tudo a respeito do quanto Azevedo ficou a dever a Venâncio. É a prova do que vimos afirmando desde o início destas páginas. Obrigação, dever moral que honra o beneficiado e eleva o benfeitor. "A aprovação que dá aos capítulos que leu – começa a carta –, e as expressões desvanecedoras com que se refere a elas e, de modo geral, ao livro, constituem para mim um estímulo valioso e uma grande compensação moral".

"Desde o princípio – continua –, há mais de um ano, é você que me tem assistido, auxiliado e animado". Quando tiver concluído a obra, os dois procederão a uma revisão geral, para que "passe ainda uma vez pelo crivo de uma crítica severa".

Finaliza: "Você esteve sempre vigilante, à procura de documentação que me pudesse ser útil e de material em que pudesse basear esse largo ensaio de interpretação histórica e social de nossa cultura. Não houve artigo de jornal ou de revista que você não me apontasse à atenção ou não recortasse para enviar-me, nem livros, de seu conhecimento, que não consultasse ou não me remetesse para exame. Sempre me estimulou quando hesitava em tomar a incumbência que me punha sobre os ombros".

Nada mais há a argumentar. A evidência é suprema. Fernando de Azevedo só alcançou o pináculo da fama por contar em seu caminho com a fraternal ajuda de Francisco Venâncio Filho, tão capaz quanto desprendido, – santo leigo, como foi alcunhado. Nos dois personagens confirma-se a máxima de Camus: "A grandeza do homem consiste em sua decisão de ser mais forte que a sua condição".

Euclides da Cunha fruiu a admiração dos coevos que lhe proclamaram o gênio literário e a correção de caráter. Mas até a glória fatiga e passa. Não fossem Francisco Escobar, Alberto Rangel e Francisco Venâncio Filho, entre outros cultores, e desmaiados lhe andariam hoje nome e obra.

Venâncio serviu a Euclides durante 32 anos infatigáveis, a partir do conhecimento d'Os sertões até sua morte, em 1946, – pouco mais de meio século de existência. Para cultuá-lo, escreveu na imprensa, proferiu palestras, aliciou adeptos obstinados, compôs livros, peregrinou a São José do Rio Pardo. A morte colheu-o numa dessas romagens.

De seus méritos mais louváveis conta-se a publicação de obras necessárias à apreciação do escritor. Intitulam-se Euclides da Cunha a seus amigos (1938) e A glória de Euclides da Cunha (1940), ambos integrantes da Brasiliana da Cia Editora Nacional.

Em 1931 divulgara a Academia Brasileira de Letras, de sua lavra, o volume Euclides da Cunha, ensaio bibliográfico. Em 1946, o Itamarati propaga-lhe a monografia Rio Branco e Euclides da Cunha, contendo a correspondência dos dois.

Como se depreende do título, o livro Euclides da Cunha a seus amigos compõe-se de cartas, além de um prefácio explicativo; cartas numerosas, por anos a fio dirigidas aos familiares, amigos, colegas de ofício e às autoridades governamentais.

Sem a leitura desses papéis muito menos se discernirá da personalidade de Euclides, que neles se confessa à luz das emoções, – dissabores e esperanças. O verdadeiro Euclides, assim como o paulistano Mário de Andrade, encontram-se muito mais na correspondência mantida com os amigos do que nos livros por eles compostos. Sem os auto-retratos produzidos na sucessão dos dias, dificilmente seriam reconhecidos pela posteridade.

Há de anaftecer-se, por isso, a iniciativa de Venâncio, ao reunir e publicar as cartas de Euclides. Ao ídolo imolou a vida, em adoração que só o apostolado permite compreender.

Alguns, ou a maioria, dos traços marcantes de Euclides repontam da correspondência. Fica-se a conhecer, pelo próprio, suas diversas profissões: o militar, o jornalista, o engenheiro, o literato e o professor.

De todas, felicitou-o mais a literária, surgida por acaso. A carreira das armas interrompeu-a ele mesmo, cedo contrário aos camaradas da República. Serviu-se da imprensa como ganha-pão em determinado período. Com o magistério devaneava sempre. Quis praticá-lo numa escola politécnica de São Paulo, e até na França, onde se dispunha a lecionar história iberoamericana.

Pretensões inatingidas, a ocasião chegou-lhe no Colégio Pedro II, então Ginásio Bernardo de Vasconcelos, onde a cadeira de Lógica fora posta em concurso no início do século. Euclides não conhecia a matéria, nem filosofia. Mas precisava de recursos para estabilizar a vida. Dependiam dele mulher e filhos, o que o afligiu todo o tempo.

Estudou, prestou boas provas e foi nomeado para o cargo redentor graças à influência do Barão do Rio Branco. Paranhos agregara-o ao seu gabinete ministerial como cartógrafo e comissário incumbido de estabelecer fronteiras na Amazônia, – custosas tarefas de que se desincumbiu com brilho.

Escreveu ao pai, a José Veríssimo, a Domicílio da Gama, a Coelho Neto e outros mais narrando com minúcias a hiléia, o caboclo, as dificuldades de transporte e de sobrevivência na selva, os seringueiros, o trabalho afadigado, os mosquitos e a malária que dele se apossou em definitivo. As cartas dão idéia do que teria dito mais um livro-vingador, caso Euclides o chegasse a redigir como anunciou.

Esgotante, mórbida é a imagem euclidiana sobre a profissão de engenheiro a que se obrigara. Embora houvesse logrado êxito em sua execução, manifestava desgosto em tratar com empreiteiros e qualificava de modo impiedoso ao trabalho livremente eleito.

Compilemos: engenharia rude; engenharia precipitada; engenharia ingrata e trabalhosa; engenharia ardente, romanesca e estéril; desvio morto da engenharia;

engenharia fatigada; engenharia obscura; triste officio; pobre engenharia; engenharia de César ("quis chegar, observar e voltar, mas cheguei e parei"). Produtos de um vezo ou de mau humor, Euclides inundou os amigos de frases compostas entre 1903 e 1905, enquanto aguardava emprego estável e cômodo.

Ao mesmo tempo e aos mesmos amigos desfazia da "prosaica posição de lente", a que aspirava. Não o seduzem os brilhos da Europa, a que tantos dos seus partidários se julgavam com direito. Agradar-lhe-ia trabalhar no sertão ("vida afanosa e triste de pioneiro").

Confidenciou a Escobar (1906) o "grande desprezo, crescente e assoberbador" que anda sentindo do Brasil. Queixa-se dos aduladores, dos parasitas, das interpretações deploráveis. "O único grande homem desta terra é o Barão do Rio Branco". Ele, Euclides, sente-se "admiravelmente" com o desquerer dos patrícios. Considera-se superior à sua época. Talvez muitos dos sofrimentos que o tolhem – conclui – corram à conta de seu "idealismo incurável", e também de seu "pessimismo abominável". No futuro, parecerá "enigmático, incompreensivo".

Leitor privilegiado dessas confissões, Venâncio observou ter vivido Euclides a maior parte da vida "em permanente conflito com as aspirações superiores da cultura, a que se destinava". "Ao lado disso a tragédia oculta e obscura, dia a dia, da trama de sua vida íntima, que jamais confessou a ninguém".

Desmesurado foi o drama de Euclides. Segundo Firmo Dutra, com Os sertões ele afrontou o sentimentalismo nacional. O Exército custou a assimilar a veemência das censuras, se é que as suportou de fato. "Abraçado aos princípios republicanos – denuncia Euclides a Afonso Celso – sou "repelido pelos singulares correligionários".

Produzindo em excesso – lastima-se a Escobar –, viu pular na frente "quanto felizardo vadio há por esses Brasis". Abomina a vida fútil do Rio de Janeiro, onde diplomatas conversam "desabaladamente sobre coisas maravilhosas de Paris e Viena"...

Os apreciadores da poesia de Gregório de Matos vibrarão com o parecer crítico de Euclides a respeito do vate. Araripe Júnior publicara um livro sobre o destemido baiano e Euclides escreveu-lhe (1894) para dizer que considerava Gregório "maior que os seus êmulos, de Juvenal a Bocage". A página está a exibir republicação.

Versa o outro livro de Venâncio - A glória de Euclides da Cunha - o nascimento, os estudos e os afazeres do biografado. São fatos bastante conhecidos para que deles nos ocupemos. Apenas se salientará que não foram culpados os nervos, como se tem suposto, por certas atitudes de Euclides, mas as dificuldades financeiras.

Republicano da primeira hora, cedo se desencantou do regime. Em seu tempo, foi dos poucos intelectuais a se interessar pela sorte do povo. Visando assisti-lo, fundou um partido socialista. O movimento de Canudos já o convertera num "Tácito implacável", como bem avaliou Venâncio.

Sofria ele próprio os infortúnios da multidão. "Nesta terra – observou contristado – para tudo faz-se mister o pedido e o empenho, duas coisas que me repugnam". Arremata Venâncio: "Seu viver cotidiano é o reverso da glorificação pública".

Reconhece a reputação de que goza: impulsivo e inconstante. Mas como pode criar os filhos? Vai resignar-se até quando? Daí o ter-se lançado ao concurso do Colégio Pedro II. "Não será um mal – questiona – tão viva reviravolta de leme, passar de engenheiro a professor?"

No Itamarati sente-se tolhido. A "ânsia de dar estabilidade à vida" deságua no concurso. Nomeado, deu apenas 10 aulas. Morre aos 43 anos. "Sempre direito e visceralmente digno" (Alberto Rangel).

Venâncio acompanha a faina do engenheiro e do geógrafo Euclides, traz a lume os versos da adolescência, levanta-lhe a bibliografia e a iconografia, salienta a repercussão crescente d'Os sertões, refere os valores dos livros Contrastes e Confrontos e À margem da história.

Finaliza rememorando os festejos patrocinados pelo Grêmio Euclides da Cunha, fundado por alunos do Colégio Pedro II, em 1914, e por autoridades municipais, a cada ano; e registra as efemérides euclidianas com exatidão.

Em 1914, João Ribeiro, gramático, historiador e crítico literário, desviando-se da polidez e do equilíbrio de seus julgamentos, escreveu: o livro (Os sertões) "não passa de um romance que, emendado em sucessivas edições, ficou infiel à verdade dos fatos".

Para Ribeiro, o livro do general Dantas Barreto sobre Canudos "é a fonte mais segura e mais importante desses memoráveis sucessos e o único que merece a atenção dos estudiosos"!

O rótulo de romance para Os sertões seria retomado, mais tarde, como novidade, por um teórico do criticismo. Caiu no vazio. Ribeiro, ao opinar sobre a obra e Euclides, tentou passá-la por imaginária, falsa, ilusória; opondo-lhe o discutível produto de um militar.

Venâncio desdobrou-se na defesa da composição euclidense. Mostrou a parcialidade do julgador, corrigiu-o e rebaixou-o. Só a paixão política ou motivos de natureza subalterna poderiam levar um crítico tão esclarecido como Ribeiro a desdenhar do livro – denúncias, exaltação da terra e do homem brasileiro, aí sim: romance da realidade. Por que não etiquetar o outro de utópico?

Revertamos: Venâncio Filho ocupa-se de Euclides, pela primeira vez em público, na imprensa, aos 20 anos (1914), quando aluno da Escola Politécnica, do Rio de Janeiro. Liga-se a Alberto Rangel que, um ano antes, em discurso, exaltara Euclides num "triste meio de infausto olvido e covardias aplaudidas e perdoadas".

Ingressou no Grêmio Euclidiano naquela época (1914), junto com Roberto Lira, Álvaro Alberto, Armanda Álvaro Alberto e Mauricio Joppert, todos professores. Viaja aos Estados em propaganda do euclidianismo, freqüenta São José do Rio Pardo, pronuncia conferências, obtém do Instituto Nacional de Cinema Educativo a execução de um filme sobre Euclides e Os sertões, publica livros, engrandece a

obra e o autor. Do culto à memória de Euclides, "fez surgir um movimento de educação cívica sem paralelo no Brasil" (Roquete Pinto).

Como em relação a Fernando de Azevedo, pode-se afirmar que Euclides da Cunha cresceu e se consolidou graças à perseverante ação de homens como Venâncio Filho. Deste, Euclides foi o princípio e o fim de uma vida, e o ditado goza de assentimento unânime.

Aere perennius (mais durável que o bronze) foi o destino antevisto por Horácio pra seus versos. Graças a Venâncio, Euclides subsistirá eterno com a Pátria. E essa é a glória maior de Francisco Venâncio Filho.